

Presidente do Senado adverte colegas pela briga em público

Os senadores Hugo Napoleão (PFL-PI) e Magno Bacelar (PDT-MA) foram advertidos por telefone pelo presidente do Senado, Mauro Benevides (PMDB-CE), por terem envolvido o nome do Congresso na briga que travam por causa de um negócio feito entre suas mulheres. "Pedi moderação e lembrei-lhes que até agora o Senado estava livre de escândalos como o da cassação do deputado Jabes Rabelo e da denúncia de pianismo por um deputado", disse Benevides, referindo-se aos problemas enfrentados pela Câmara em 1991.

Apelo

Em discurso não pronunciado, mas enviado a todos os colegas, Bacelar acusou Napoleão de lhe vender uma agência de turismo (Dom Bosco) quebrada, em processo de despejo e descredenciada pela Varig e pela Transbrasil. Bacelar, que pagou US\$ 20 mil (cerca de Cr\$ 22 milhões) de entrada pela empresa, e a entregou à mulher, Milma, tentou desfazer o negócio, mas Napoleão não concordou. "O caso está na Justiça. Então, apelei à eles para que fiquem restritos à questão judicial", disse Benevides.

Ele ainda informou que passou o dia todo atendendo a telefonemas de senadores preo-

cupados com o desgaste da imagem do Congresso. "Logo de manhã, o senador Lourival Baptista (PFL-SE) me procurou, com grande preocupação. Depois, seguiram-se vários telefonemas. A notícia causou grande repercussão em todo o País".

Manobra

O presidente do Senado contou que só uma manobra, feita no dia 20 de dezembro, na última sessão legislativa, impediu que o caso virasse um bate-boca de plenário. Bacelar estava inscrito como primeiro orador. Mas, ao saber que o senador pretendia atacar o colega, Benevides o convocou à mesa para ler a ordem-do-dia.

Enquanto Bacelar fazia o papel de secretário, Benevides chamou outros parlamentares e pediu que o ajudassem a convencer o senador a não ler o discurso. Quando Bacelar terminou a ordem-do-dia, Benevides anunciou rapidamente: "Passo a palavra ao senador Eduardo Suplicy (PT-SP)". Imediatamente, Bacelar foi cercado pelos colegas, que o convenceram a não ler o discurso. Orientado pelo advogado Reginaldo de Castro, procurador de sua mulher, o senador Hugo Napoleão não comenta o caso.

João Domingos/AE